



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UNIR)
CAMPUS DE ARIQUEMES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DE E EDUCAÇÃO (DECED)
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ROSILDA SANTOS FATEL

**A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO PROCES-
SO DE ENSINO/APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL E PRI-
MEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Ariquemes- RO

2016

ROSILDA SANTOS FATEL

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL E PRIMEIRO ANO DO ENSINO-FUNDAMENTAL

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Prof^a. Me. Maria Auxiliadora Máximo.

Ariquemes, RO

2016

Dados de publicação internacional na publicação (CIP)

Biblioteca setorial 06/UNIR

F252a

Fatel, Rosilda Santos

A afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil e primeiro ano do ensino fundamental. / Rosilda Santos Fatel. Ariquemes-RO, 2016.

54 f.

Orientador (a): Prof.(a) M.e. Maria Auxiliadora Máximo.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Fundação Universidade Federal de Rondônia. Departamento Pedagogia, Ariquemes, 2016.

1. Ensino/Aprendizagem. 2. Professor Aluno - relação. 3. Afetividade – sala de aula. I. Fundação Universidade Federal de Rondônia. II. Título.

CDU: 37.015.3

Bibliotecária Responsável: Fabiany M. de Andrade, CRB: 11-686.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE ARIQUEMES**

Criado pela Resolução 006/CONSUN, de 16 de maio de 2007
Av. Tancredo Neves, 3450 - Centro/ Ariquemes-RO / Cep: 76.872-848
Fone/Fax: (69) 3535-3563/ E-mail: campusariquemes@unir.br

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - DECED

ROSILDA SANTOS FATEL

“Afetividade na Relação Professor e Aluno no Processo de Ensino e Aprendizagem na Educação Infantil”.

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Banca Examinadora

Prof.^a Me. Maria Auxiliadora Máximo - DECED/UNIR

Prof.^a. Esp. Luciana Regina Nobre - DECED/UNIR

Prof. Me. Hugo Athanasios Fotopoulos- DECED/UNIR

Ariquemes-RO, 14 DE SETEMBRO de 2016.

Desejo que vocês

“Não tenham medo da vida, tenham medo de não vivê-la. Não há céu sem tempestades, nem caminhos sem acidentes. Só é digno do pódio quem usa as derrotas para alcançá-lo. Só é digno da sabedoria quem usa as lágrimas para irrigá-la. Os frágeis usam a força, os fortes, a inteligência. Seja um sonhador, mas una seus sonhos com disciplina, pois sonhos sem disciplina produzem pessoas frustradas. Seja um debatedor de ideias” Cury (2007).

DEDICATÓRIA

As pessoas mais importante da minha vida, meu maravilhoso esposo Elio Kreuzberg, que embarcou junto comigo neste sonho, nas suas palavras de incentivo para que seguisse em frente e concluísse a graduação e, aos meus amados filhos; Rodrigo Arnaldo Kreuzberg, Vinicius Aurélio Kreuzberg e minha princesinha Maria Clara Kreuzberg. Pelo amor, carinho, compreensão, força e apoio constante em todos os momentos, principalmente compreendendo o motivo de minhas ausências durante a graduação, sempre me dando força.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos em especial, Deus pela oportunidade de estar realizando este trabalho e tornando-o mais fácil e agradável;

O meu esposo Elio Kreuzberg e aos meus filhos Rodrigo Arnaldo Kreuzberg, Vinicius Aurélio Kreuzberg e Maria Clara Kreuzberg. Pelo comprometimento, pela paciência compreensão e incentivo, pelas palavras amiga nas horas difíceis;

A minha querida orientadora Me Maria Auxiliadora Máximo pela dedicação neste espaço de tempo e, compartilhou sua experiência para que minha formação fosse também um aprendizado de vida, meu carinho e meus agradecimentos;

Aos mestres, que muito me ensinaram e contribuíram para minha formação em especial: Professor Me. Hugo Athanásios Fotopoulos, Professora Me. Márcia Ângela Patrícia, Professora Me. Eliete Zanelato e a Bibliotecária Fabiany Andrade;

A todos que fizeram parte direta ou indiretamente desta conquista, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Esta pesquisa é resultado de estudos desenvolvidos para a elaboração de um trabalho de conclusão de curso em Pedagogia. Teve como objetivo geral: compreender a afetividade na relação professor-aluno em processo de ensino e aprendizagem na educação infantil e primeiro ano do ensino fundamental e como objetivos específicos: identificar os sentidos e as definições de afetividade do ponto de vista dos professores envolvidos na pesquisa; entender como os professores da educação infantil compreendem o papel de afetividade na relação professor/aluno; compreender como a afetividade surge nas atividades didáticas com os alunos em sala de aula e nos outros espaços em momentos escolares; compreender como os professores, em sua atividade pedagógica, relaciona-se com as emoções afetivas na relação, alunos/professor e sua relevância para o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança. Seguindo linha de raciocínio fundamentada em Wallon (1968) que defende que a afetividade e a inteligência da criança devem caminhar juntas. Piaget (1999); Foucault (1970) dentre outros. Também foram utilizadas fontes do ordenamento legal pertinente. Para sua realização fiz levantamentos bibliográficos e pesquisa de campo com entrevistas, as quais foram direcionadas para as professoras de uma escola pública do Município de Ariquemes-RO. Trata-se de uma pesquisa qualitativa nos moldes da Arqueogenealogia com pesquisa teórica e empírica cujos procedimentos metodológicos envolveram observações, seleção da literatura básica e fichamento das obras selecionadas para realização da mesma. Os resultados apontaram a importância da relação entre professor/aluno no cotidiano escolar, mostrando que, essa inter-relação é como um fio condutor para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Ensino e Aprendizagem . Relação Professor Aluno - Afetividade

RESUMEN

Esta investigación es el resultado de los estudios para el desarrollo de un curso de finalización países que trabajan en la educación. Dirigido a: entender la afectividad en la relación profesor - alumno en el proceso de enseñanza y aprendizaje en el jardín de infantes y primer grado de la escuela primaria y cómo los objetivos específicos :identificar los sentidos y la configuración de la afectividad desde el punto de vista de los profesores que participan en la investigación; entender cómo los maestros de educación infantil a entender el papel de la afectividad en la relación profesor/alumno; entender cómo el afecto viene en las actividades didácticas con los estudiantes en el aula y otros espacios escolares en momentos; entender cómo los profesores en su actividad pedagógica, se refiere a las emociones afectivas en la relación alumno / profesor y su relevancia para el proceso de desarrollo y aprendizaje del niño. Siguiendo la línea de razonamiento basado en Wallon (1968), que sostiene que la afectividad y la inteligencia del niño deben ir juntos. Piaget (1999); Foucault (1970), entre otros. También se utilizaron las fuentes de marco jurídico pertinente Para su realización hicieron exámenes de la bibliografía e investigaciones de campo con entrevistas que fueron dirigidos a los profesores de una escuela pública en la ciudad de Arikemes - RO . Se trata de una investigación cualitativa en la línea de Arqueogenealogia con la investigación teórica y empírica cuyos procedimientos metodológicos observaciones, la selección de la literatura básica y reporte de libro de las obras seleccionadas para realizar la misma. Los resultados mostraron la importancia de la relación entre el profesor / alumno en la vida escolar, lo que demuestra que esta interrelación es como un hilo para el aprendizaje y desarrollo infantil.

Palabras clave: La enseñanza y el aprendizaje. Relación Maestro-Estudiante Afecto.

LISTA DE SIGLAS

APPE- Associação de Pais e professores Escolar

CF- Constituição Federal

DCNEI- Diretriz Curricular Nacional Educação Infantil

DCN- Diretriz Curricular Nacional

LDB- Lei de Bases

RCNEI- Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil

SEMED-Secretaria Municipal de Educação

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	10
2 DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE NA RELAÇÃO- PROFESSOR/ALUNO.....	13
2.1 Desenvolvimento Infantil e Aprendizagem.....	13
2.2 Definição de Afetividade e dos Comportamentos Afetivos.....	17
2.3 A educação Infantil em Transformação.....	19
2.4 Ato de Aprender da Criança e a Aprendizagem como Direito.....	22
2.5 Afetividade e Aprendizagem.....	25
2.6. Afetividade na Relação Professor/Aluno.....	27
3. ARQUEOGENEOLOGIA E AS DIREÇÕES PARA A PESQUISA.....	30
3.1 A lógica da Arqueologia e a Genealogia Como Principio de Pesquisa.....	30
3.2 Uso da Arqueologia para Saber: A Sala de Aula Como Ambiente de Investiga- ção.....	32
3.3 Uso da Genealogia para Saber: Das Entrevistas.....	41
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICE A-ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	53

1 INTRODUÇÃO

Penso que seria pertinente iniciar este trabalho integrando o meu interesse pelo tema: *A afetividade na relação professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil e Primeiro Ano do Ensino Fundamental*. Teve como objetivo geral: analisar a afetividade na relação professor-aluno em processo de ensino e aprendizagem na educação infantil e como objetivos específicos: identificar os sentidos e as definições de afetividade do ponto de vista dos professores envolvidos na pesquisa; entender como os professores da educação infantil compreendem o papel de afetividade na relação professor/aluno.

Compreender como a afetividade surge nas atividades didáticas com os alunos em sala de aula e nos outros espaços em momentos escolares; compreender como os professores, em sua atividade pedagógica, relaciona-se com as emoções afetivas na relação, alunos/professor e sua relevância para o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança. Assim, relato alguns aspectos que foram observados nos dois últimos anos trabalhando diretamente com crianças, em uma instituição pública de educação infantil no município de Ariquemes.

Nos períodos destinados aos estágios começaram as minhas observações e tendências à escolha da temática. Estes foram realizados em salas de aula de diversas escolas com crianças em idades diferentes. Nestes ambientes educativos notei que a ausência de atenção é muito presente o que leva algumas delas a ter dificuldade de se concentrar na atividade em sala de aula até mesmo ficando a margem das brincadeiras e se isolando dos grupos. Nestes momentos não vi nenhuma ação que buscasse reaproximação entre as crianças.

Na vida, o homem sempre lutou pela sobrevivência da sua família deixando as responsabilidades do cuidado da casa e da educação dos filhos para a mulher, mas com o passar do tempo as mulheres se viram obrigadas a saírem também para trabalhar fora de casa para complementar a renda familiar. Dessa forma deixaram seus filhos em instituições, creches em período integral, ou até em escolas que integram crianças em projetos, para não deixá-los nas ruas ou com tempo ocioso.

Por circunstâncias da vida, desde cedo essas crianças que estão em processos de descoberta, formação e aprendizagem buscam nos professores a devida

atenção, até mesmo por serem as pessoas mais próximas delas na falta do lar. Com estas observações e o fato de Ser mãe e pedagoga em formação decidi em conhecer melhor sobre este tema e assim justifico minha escolha.

Teoricamente me embasei em: Piaget (1999); Wallon (1968); Foucault (1970) dentre outros. Também foram utilizadas outras fontes relacionadas ao ordenamento legal, cito: Constituição Federal – CF (1988); Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil – DCNEI (2009); Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional – LDB (1996) e os Referenciais Curriculares Nacional para Educação Infantil– RCNEI (1998). Foram utilizados ainda: Dicionários de Língua Portuguesa para compreensão conceitual Aulete (2008) e Ferreira (2000), dentre outros.

Metodologicamente esta pesquisa se pautou na arqueogenealogia que se desdobra em fases diferentes de ação (arqueologia- pesquisa teórica e genealogia- pesquisa em campo/observação e entrevistas) que se complementam ao final. A abordagem compreende uma série de enunciados levantados por meio da arqueologia, momento em que o sujeito produz uma relação com o saber ao buscar e elucidar suas origens, da genealogia que se traduz na relação do sujeito com o poder, e, por fim a ética/arqueogenealógica que relaciona o sujeito consigo mesmo.

Os participantes da pesquisa foram os alunos e as professoras das salas de aula do Pré-Escolar e do 1º (primeiro) ano do Ensino Fundamental; eles observados; elas entrevistadas. Lembrando que o foco das observações foram as relações de afetividade entre os sujeitos envolvidos. A pesquisa empírica foi organizada em 03 (três) etapas: a) observações em uma sala de aula da pré-escola; b) observações em uma sala de aula do primeiro ano do ensino fundamental e; c) entrevistas com questionários-guia. Esta monografia está dividida na seguinte ordem: A primeira seção, *introdução* traz como surgiu o interesse pelo tema e seus desdobramentos.

A segunda seção, com o título: *A definição de afetividade e dos comportamentos afetivos trata* de uma percepção de fascinações e expectativa de algo que seja importante para o sujeito, àquele que sempre busca resposta que os satisfaça e faça bem, seja para o aprendizado ou para experiência em conhecer o novo, constituído por curiosidade que consiste em desenvolvimento individual.

Na terceira seção, sob o título: *Arqueogenealogia e a direção para a pesquisa* encontram-se descrito os procedimentos metodológicos baseados nas teorizações

do pensamento de Michel Foucault. Apresenta a experiência vivenciada por meio da pesquisa teórica e empírica com leituras, observações e entrevistas.

A análise discorre sobre como acontece a relação afetiva envolvendo ensino/aprendizagem/professor/aluno e sua contribuição para formação da personalidade das crianças pequenas.

Nas Considerações finais não pensando em encerrar os estudos sobre este assunto, a finalidade desta foi obter aproximações conclusivas no momento a respeito do tema abordado objetivando que o leitor tenha uma compreensão da afetividade na relação professor/aluno. Neste sentido, destaquei as relevâncias deste estudo para os processos de ensino e de aprendizagem na Educação Infantil e primeiro ano do Ensino Fundamental, porque o ser humano se desenvolve por meio do convívio com o outro, ou seja, a partir das relações e interações, de modo que a criança deve ser vista com respeito pelo adulto, sendo o educador, aquele que facilitará a aprendizagem para o desenvolvimento da criança e uma relação afetiva na aquisição de saberes será favorável ao processo. Educar não é só despertar o desejo de saber no aluno, mas, também cuidar do seu desenvolvimento afetivo e social que favorece a autonomia.

2. DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

“O papel do adulto que interage com a criança no cotidiano do espaço da educação infantil é fundamental para garantir essa almejada qualidade de atendimento” Freire(2011, p.79).

2.1 Desenvolvimento Infantil e a Aprendizagem

O tema abordado tem sido tratado de maneira especial, seu intuito foi o de aprofundar o conhecimento sobre afetividade. Sendo relevante neste contexto, conceituá-la nas mais diversas dimensões. Principalmente na relação entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, demonstrando o que esta relação de interação pode trazer para o desenvolvimento do aluno. Ao nível da mente, a consciência da assimilação ao longo da vida, e não só na infância, as experiências vividas que foram passadas por outros se tornam formas específicas de se expressar.

Para isto a forma de ensinar e aprender auxilia no processo de assimilação, assim organizando as novas informações apreendidas. Munari (2010, p.95), diz que: “[...] das matérias a ensinar, mas consideradas somente sob o ângulo do nível dos conhecimentos em si mesmos, independentemente de sua maior ou menor facilidade de assimilação por parte dos alunos”. Com isto a afetividade tem um papel importante em toda ação e reação do Ser humano, por meio desta influência na percepção, sentimento, memória e autoestima sendo componente essencial de harmonia para equilibrar a personalidade.

Assim a psicogenética do desenvolvimento busca acrescentar gradualmente o conhecimento durante o processo de crescimento do indivíduo. Para Gradino (2010, p.34), “A teoria psicogenética do desenvolvimento da personalidade, integra a afetividade e a inteligência”. Ambas se juntam para um bom desenvolvimento, que será uma fase inicial da aprendizagem da criança na escola, trazendo um bom desempenho e capacidade de fazer suas escolhas.

Durante o processo de aprendizagem, a comunicação frequente e o bom relacionamento entre pais e professores, um dos pilares para o sucesso no desenvol-

vimento da criança deve estar relacionado, visto que a troca de informações facilitará a compreensão e a estratégia de negociação com as crianças tanto no espaço escolar quanto no ambiente familiar. Assim, “O meio social ou o meio escolar, se bem compreendidos, devem fornecer as condições pelas quais o indivíduo liberte e realize a sua própria personalidade” (WESTBROOK; TEIXEIRA 2010, p. 50). Neste sentido, a experiências vivenciadas em ambos espaços passam a existir para favorecer, apreender e identificar que serão utilizadas na relação com o mundo.

Dessa forma, ajudando-os a compreender, a se relacionar com propriedade e desenvolver-se frente à sociedade, por meio da educação que, pode muito bem ser, de direito, o instrumento graças ao qual todo o indivíduo por meio da aprendizagem para adquirir ou construir sua individualidade. Para Foucault (1970, p. 12):

A educação pode muito bem ser, de direito, o instrumento graças ao qual todo o indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso; sabemos, no entanto que, na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais.

Sendo assim, faz-se necessária uma aprendizagem com entendimento simplificado para educação da criança, uma forma de linguagem que expressa experiência vivenciada permitindo um desenvolvimento contínuo, que se encontra em um processo compreensivo e completo de percepção do mundo, a partir da comunicação com o outro por meio das palavras, que por sua vez estão contidas em um contexto social. Sobre isto, Davis; Oliveira (1995, p.6), diz:

Piaget é o mais conhecido dos teóricos que defendem a visão interacionista de desenvolvimento. Formado em Biologia e Filosofia, dedicou-se a investigar cientificamente como se forma o conhecimento. Ele considerou que se estudasse cuidadosa e profundamente a maneira pela qual as crianças constroem as noções fundamentais de conhecimento- lógico- tais como as de tempo, espaço, objeto, causalidade etc.- poderia compreender a gênese (ou seja, o nascimento) e a evolução do conhecimento humano.

Neste sentido, é possível compreender que, a assimilação e organização do conhecimento que, a criança adquire no decorrer do desenvolvimento da aprendizagem pelos conteúdos transmitidos, tem a finalidade de dar sentido coerente a vida, deixando de ser simples acumulação de informações. Piaget (1999, p.13), diz: “O desenvolvimento psíquico, que, começa quando nascemos e termina na idade adulta, é comparável ao crescimento orgânico, como este, oriente-se, essencialmente,

para o equilíbrio” Pois o indivíduo é um Ser que se desenvolve de acordo com a convivência com outros no decorrer de sua vida.

Sendo importante estabelecer uma boa relação conforme a vivência, por meio desta, a criança enquanto sujeito esta em constante contato com o aprendizado, na educação infantil para que aconteça uma aprendizagem de qualidade é preciso que se compreenda desde pequenos que todos constituímos a sociedade e temos o dever de cuidar das coisas ao nosso redor. Galvão (1995, p.08) entende que: “O sujeito constrói-se nas suas interações com o meio”. Para isto nas relações sociais são importantes, para que o indivíduo aprenda a viver em sociedade e a se inserir em um meio regado, com costumes e diversidades culturais e até mesmo para se comunicar com os demais indivíduos.

Deste modo, a direção denominada à criança, os seus apegos, seus valores, e suas ideais, as que foram submetidas através do tempo, com isso o aprendizado possivelmente desenvolvido a por intermédio do grupo em que vive, onde as histórias são contadas por alguém. Sendo assim, não se pode aceitar uma visão exclusiva, de desenvolvimento humano. Goulart (2008, p. 92) diz:

Por volta de 1932, ao analisar como se desenvolve o julgamento moral, Piaget utilizou um modelo psicogenético que levava em conta a estrutura cognitiva sem perder de vista a competência linguística (capacidade de dialogar, utilizando ideias abstratas para compor argumentos) e a competência moral (consciência da arbitrariedade e do caráter consensual do mundo social). Grifo do autor.

Dessa forma, pode se dizer que o desenvolvimento da criança para Piaget, adiciona sentido a elas e não perder de vista a capacidade cognitiva de raciocinar da criança, referente ao ambiente social que as rodeia, seja um processo que consiste em preparar a criança para um conjunto de decisões, visando atingir determinados objetivos na vida.

Para Westbrook; Teixeira (2010, p.41) “Cresce, assim, à medida que avança a cultura social, a necessidade da educação direta da infância. Tornam-se necessárias escolas, estudos e professores”. À medida que a criança se desenvolve na condição social em que, está inserida, faz parte desse processo de mudança, o conflito tem papel muito importante. Cabe lembrar que, para a criança perceber o que está acontecendo a sua volta deve estar possivelmente sensível a esta, possibilitando ver os fatos.

Para falar do desenvolvimento da criança, Grandino (2010 p.31) diz: “Henri Wallon está entre os diversos teóricos, que no início do século XX, impulsionaram importantes mudanças na educação, a partir de contribuições teóricas inovadoras”. No conceito de afetividade desenvolvido por Wallon que discutirá com os outros conceitos visando a entender se, como é possível incluir em processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Grandino (2010, p.33) ainda diz: “Para ele, a complexidade da formação e desenvolvimento da inteligência não pode ser apreendida pelos instrumentos, que têm alcance reduzido”. Deste modo Wallon é parcial ao método de experiência de Piaget, dizendo que não se pode medir o conhecimento muito menos o desenvolvimento cognitivo da criança estando influenciada pela ação do meio social.

A criança no seu desenvolvimento, tomando-a por ponto de partida, acompanhando-a ao longo das suas sucessivas idades e estudando os estádios correspondentes, sem os submeter a censura previa das nossas defensões lógicas. Para quem os considera cada um na sua totalidade, a sua sucessão aparece como descontínua (WALLON 1968, p.29).

Conforme a necessidade de aprender, querer conhecer são alguns dos hábitos apresentados pela criança são característicos para se desenvolver na educação, sendo principalmente na infância onde começam os conflitos e o processo que incluem um desempenho que consiste em ser mais importante. Para Foucault (1970, p.47) “Na sua relação com o sentido, o sujeito fundador dispõe de signos, marcas, traços, letras. Mas para manifestá-los, não precisa passar pela instância singular do discurso”. Sendo assim, não há diferença entre as crianças e sim a forma de aprender, os significados que cada criança finalmente constrói, assim é o processo individualizado e característico do desenvolvimento da criança, onde o mesmo assimila e aprende o conteúdo. Ainda segundo Foucault (1970, p. 69):

Jogando com a palavra, que ela prática. A parte genealógica da análise se detém, em contrapartida, nas séries da formação efetiva do discurso: procura apreendê-lo em seu poder de afirmação, e por aí entendo não um poder que se oporia ao poder de negar, mas o poder de continuar.

Assim, são favoráveis para harmonizar a criança no processo de desenvolvimento, sendo a aproximação entre os indivíduos um processo importante para o si próprio e suas relações com outros, assim, observa-se que a autonomia se apresen-

ta como a maneira pela qual, se promove a influência que motiva no processo de aprendizagem.

2.2. Definições de Afetividade e dos Comportamentos Afetivos

A afetividade é uma percepção de fascinações e expectativa de algo que seja importante para o sujeito, àquele que sempre busca algo que os satisfaça e faz bem, seja para o aprendizado ou para experiência e conhecer o novo, constituído por curiosidade que consiste em desenvolvimento do sujeito. O aprendizado pode ocorrer de diversas formas de aprender dentro e fora da escola, sendo através da família, amigos e meios de comunicação.

De acordo com Ferreiro (2004, p.61), as definições de afetividade mostram-se como: “Conjunto de fenômenos psíquicos e paixões, acompanhados sempre dá impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza”. Deste modo é um processo de conduta que acontece quando a pessoa está próxima a outro seja por descontentamento ou por contentamento, consistindo em transportar para o lado positivo ou, para o lado negativo do ser humano.

Ferreira (2004, p. 510) faz referência também ao comportamento afetivo dizendo que é: “Conjunto das reações que se podem observar num indivíduo, estando este em seu ambiente, e em dadas circunstancias”. Este tipo de comportamento que cada indivíduo expressa resulta em ação de determinado mecanismo interno, que se caracteriza por mudanças estruturais influenciados pelas circunstâncias.

Aulete (2008, p.28) apresenta assim: “o afeto ou a afetividade (vida afetiva). Que demonstra afeição (menino afetivo) ”. A criança que está inserida na escola ou no convívio social, sem deixar de ser uma criança afetiva com os que as cercam sem mudar o seu comportamento seja dentro ou fora, da escola não se modifica o processo de conhecimento, deixando-o confortável para o desenvolvimento da criança.

Além disso, o dicionário de língua portuguesa Aulete (2008, p. 241), ainda confirma dizendo que é: “A maneira de se comportar; procedimento, conduta, ato”. Ao dizer que o ato ou modo de agir do sujeito, pode ser como se expressa perante cada situação definições de afetividade e o comportamento do sujeito, e que pode sofrer ou não interferência na ausência de um dos dois, na vida do ser humano um

dos fatores, pode ser no desenvolvimento da aprendizagem ocasionando interferência na vida. Ferreira (2000, p.169) afirma que:

Em psicologia, o termo afetividade é utilizado para designar a suscetibilidade que o ser humano experimenta perante determinadas alterações que acontecem no mundo exterior ou em si próprio. Tem por constituinte fundamental um processo cambiante no âmbito das vivências do sujeito, em sua qualidade de experiências agradáveis ou desagradáveis.

Para Campos (2010, p.51) “Esse desenvolvimento deveria incluir, mais do que a capacidade de invenção, as habilidades de concentração da atenção, de observação, de raciocínio lógico, além de certa fluidez do pensamento”. Por esse motivo que o processo ajustado e contínuo começa a se adequar à vida. O acompanhar a compreensão, abrange todas as transformações que ocorrem na organização e na personalidade do indivíduo, até mesmo no desempenho mais elaborado, sendo resultado do desenvolvimento e amadurecimento cognitivo na estimulação em espaço variando, que se dá na relação de trocas entre parceiros sociais.

O desenvolvimento não se encerra no estágio da adolescência, mas permanece em processo ao longo de toda a vida do indivíduo. Afetividade e cognição estarão, dialeticamente, se alterado na diferente aprendizagem que o indivíduo incorporará ao longo de sua vida. (GRATIOT 2010, p.36).

Logo, mostra o motivo do processo em desenvolvimento em todas as etapas, as qualidades, estruturais e orgânicas agem ao mesmo tempo, com estimulação no espaço social e, nos aspectos da vida afetiva e identificação dos valores. Desta forma, Almeida (2010, p.47), diz: “Em cada estágio um tipo de manifestação afetiva diversa em virtude das necessidades e possibilidades matuacionais. Pouco a pouco, observam-se progressos nas interações da criança com seu meio próximo”. O desenvolvimento da criança até a idade de seis anos está sujeito à transformação de sua personalidade. Gratiot (2010, p.35), afirma que:

Refletindo a característica pendular do desenvolvimento, nesse estágio há predomínio da afetividade. Estendendo-se até aos seis anos de idade, nesse período, forma-se a personalidade e autoconsciência do indivíduo, muitas vezes refletindo-se em oposições da criança em relação ao adulto e, ao mesmo tempo, com imitações motoras e de posturas.

Desta forma, ao mencionar a vivência da criança, e o desenvolvimento, a expressão fica mais clara e necessariamente afetuosa, sendo mostrar-se o entendi-

mento de que, não havendo uma aproximação por parte do adulto, a criança tende a se afastar, a primeira reação que se tem a aproximação do adulto especificamente no ambiente escolar essa aproximação faz-se necessário, para o desenvolvimento e bem-estar da criança.

Para Campos (2010, p. 51) “Algum sentimento referente à atividade: passa a apreciá-la ou desprezá-la, detestá-la ou valorizá-la, e a atividade adquire uma conotação positiva ou negativa, atraindo-o ou repelindo-o”. Quando a afetividade está presente no ambiente de sala de aula continua a serem animados, os alunos aprendem com mais facilidade, interagem com os colegas, os professores estão satisfeitos com aproveitar a aula e os desenvolvimentos dos alunos.

Segundo Krueger (2010, p. 3) “A criança evidencia o que a rodeia todos os dias no meio onde vive no ambiente do lar na sociedade em geral, que vem a refletir na sala de aula tendo como dificuldade no desempenho escolar”. Sendo assim, a criança ainda pequena se afeiçoa as pessoas que estão sempre presente todos os dias no mesmo ambiente, para essa ação acontecer com frequência, o mesmo inclui-se na convivência familiar, social ou cultural, já se quer desenvolve por meio dos sentidos. Para isto Foucault (2008, p.40) descreve assim:

Entre as similitudes que formam grafismo e as que formam discurso, o saber e seu labor infinito recebem aí o espaço que lhes é próprio: terão que sulcar essa distância indo, por um ziguezague indefinido, do semelhante ao que lhe é semelhante.

Para Wallon (1968, p.50), “A razão do seu crescimento não está, portanto no presente, mas no tipo da espécie que pertence ao adulto realizar. Está ao mesmo tempo no futuro e no passado”. Sendo que é o professor que intervém no conhecimento do aluno, este pode transformar sua ação em elemento de avaliação de forma que busque melhorar o desenvolvimento cognitivo, constituindo junções positivas por meio de conteúdos lecionados, de forma que incentiva e apreenda níveis mais elevados no desenvolvimento, físico e social na criança.

2.3 A educação Infantil em Transformação

Este item visa analisar alguns dos principais pontos vista em relação a história da criança que foi marcada por um forte processo de mudanças na Educação Infantil

que, sofreu grandes transformações nos últimos tempos. O processo de aquisição de uma nova identidade para as instituições que trabalham com crianças foi longo e difícil e durante esse processo surgiu uma nova concepção de criança, totalmente diferente da visão tradicional. Se por séculos a criança era vista como um Ser sem importância, quase invisível, hoje ela é considerada em todas as suas especificidades, com identidade pessoal e social.

Sobre isto Piaget (1975, p.1), diz assim: “As crianças têm estruturas mentais diferentes das do adulto. Não são adultos em miniatura; eles têm seus próprios caminhos distintos, para determinar a realidade e para ver o mundo”. A imaginação criativa ou condicionada por fórmulas, conceitos ou valores impostos pela sociedade, consiste em uma necessidade essencial do Ser ou uma mera casualidade acrescentada à essência humana.

Logo, Westbrook (2010, p.27), afirma que: “O trabalho dos professores se organizava de uma maneira muito parecida à das crianças. Semanalmente os professores se reuniam para examinar e planejar o trabalho”. Constituindo, a criança desde sua origem surge como processo de desempenho e sobre as imaginações, passa a existir com influência nas decisões, nas vontades ou ações e nas ampliações de seus conhecimentos de forma geral. Deste modo, a preocupação sobre a natureza da criança continua a ser condicionada e com isto, influenciando no sentimento e na capacidade da mesma.

Coll (1999, p.83-84) entende que: “[...] cada pessoa dispõe de um conjunto de informações procedentes da herança cultural do seu próprio grupo social, que, por sua vez, também condiciona o seu processo evolutivo”. Assim, o desenvolvimento intelectual, econômico e social, modifica o conhecimento em relação ao mundo, cria-se uma percepção maior do que eram realmente as representações das coisas e do mundo para a criança.

A relação pedagógica entre professor e aluno apresenta em sua essência níveis diferenciados de compreensão da vida em sociedade implicando na constituição do Ser. Assim, torna-se possível compreender que, o desenvolvimento da criança seja um processo complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento funcional, mudanças ou transformações de fatores internos e externos e processos de adaptação que superam as dificuldades que a criança encontra.

Dificuldades que podem ou não, surgir com a resistência pessoal diante de uma relação afetiva, disciplinar ou não, entre o professor e o aluno. Tais dificuldades podem estar relacionadas a não obtenção do entendimento esperado em razão dos conteúdos de aula ou pela falta de atenção que o aluno não obteve no momento em que buscou. O tempo e a paciência aliados aos conhecimentos técnicos, metodológicos e pedagógicos do professor o fará compreender qual seria a melhor atitude para minimizar essa dificuldade apresentada pela criança. Para Foucault (2008, p.14):

A promessa de que o sujeito poderá um dia sob a forma da consciência histórica, se apropriar, novamente, de todas essas coisas mantidas a distância pela diferença, restaurar seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar sua morada. Fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo o devir e de toda prática são as duas faces de um mesmo sistema de pensamento.

Pode se dizer, que nesta relação nada está pronto e acabado, mas tudo está em movimento, o que exige atenção quanto a necessidade de constituir uma proposta de trabalho que envolva a relação com a família, e no seu contato com o mundo exterior. Sendo isto indispensável para a formação da criança. Munari (2010, p. 51) esclarece que:

Uma vez que a criança tenha sentido, graças a seu altruísmo espontâneo e à disciplina adquirida, a unidade e a coerência das sociedades que são a escola e a família, lições apropriadas a conduzirão a descobrir a existência de grupos maiores aos quais deverá se adaptar: a cidade e a nação e, enfim, a própria humanidade.

Considerando que a criança é um Ser individualizado que possui necessidades e características próprias, se faz necessário a ela uma educação pensada de modo especial, proporcionando-a meios de compreensão da vida adulta. Para tal, há que se entender que este indivíduo precisa de cuidado, na sua formação como um todo. O valor da criança neste momento se destaca e as limitações para o seu desenvolvimento devem ser suprimidas. “[...] As crianças que receber uma educação verdadeiramente nobre, verdadeiramente real, aprendem primeiro a guardar o silêncio, e 'somente depois aprendem a falar”. (FOUCAULT, 2008, p.411).

Desta forma, em relação ao outro nada está pronto e/ou acabado, o movimento rumo a aprendizagem e desenvolvimento é contínua, a história de vida da criança

se compõe junto as relações afetivas ou não e serão estas garantias de trocas de saberes que os farão compreender a necessidade de constituir a educação dentro de uma proposta de triangulação entre a escola, a criança e a família. Ariès (1986, p. 168) entende que:

Assim que ingressava na escola, a criança entrava imediatamente no mundo dos adultos. Essa confusão, tão inocente que passava despercebida, era um dos traços mais característicos da antiga sociedade, e também um de seus traços mais persistentes, na medida em que correspondia a algo enraizado na vida. Ela sobreviveria a várias mudanças de estrutura. A partir do fim da Idade Média, percebem-se os germes de uma evolução inversa que resultaria em nosso sentimento atual das diferenças de idade.

Quando pensa e fala de infância a capacidade de lembrar desta etapa como parte do todo, como uma ligação de fatores que estabelecem determinadas atitudes que incluem a família, a escola, pai, mãe, entre outros é real. Interessante também mencionar que a família pode e deve colaborar para que exista determinado modo de pensar e viver a infância. Assim, os sinais de desenvolvimento e sentimento para com a infância tornam-se mais amplos e expressivos.

2.4 Ato de Aprender da Criança e a Aprendizagem como Direito

O ato de aprender da criança traz à tona o entendimento de que nesta fase há uma linguagem que se apresenta de uma forma diferente, quando a criança passa a ouvir histórias, os sons das palavras trazem novos conhecimentos, através deste simples ato a aprendizagem se dá e, a mesma começa a conhecer um mundo novo. A partir do nascimento, a comunicação torna-se um procedimento amplo de entender o mundo, uma distinção oportuna, a habilidade de se relacionar com o outro, por meio das palavras que, por sua vez, estão sempre inseridas em um contexto.

O direito à educação é de ordem legal e sendo assim, a Constituição Federal (1988, p.137), no art. 205 vem garantir que: “A educação é, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade”. Nesse contexto, garantir os direitos das crianças ater acesso a educação compete à família e ao Estado e emerge como uma possibilidade de ensino-aprendizagem de qualidade.

E é com a Lei nº 9.394/ 96, no art. 29, que fica assegurado que a “Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvi-

mento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

Para dar validade e oficializar a efetivação deste direito, os Referenciais Curriculares Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (1998, p.7) “[...] pretende apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância são reconhecidos”. Este documento ordena uma série de medidas na forma de orientações e eixos de trabalho voltados à qualidade da aprendizagem com foco no desenvolvimento total da criança, envolvendo direta ou indiretamente questões vitais como pleno direito da infância.

As Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação (2009, p.69), no art. 22, estabelecem e torna um desafio à busca de opções, dizendo assim: “A Educação Infantil tem por objetivo o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual, social, complementando a ação da família e da comunidade”. As leis citadas estabelecem bases comum de ensino, o que vem a favorecer ao educando e está estabelecido para atender as necessidades do mesmo. Porém, não deixa de contemplar outros comprometimentos, que por sua vez são de primordial importância, tais como, arte, música e educação ambiental.

Aos profissionais da educação que lidam com as crianças pequenas, fica claro que o planejamento deve vir de encontro com a legislação e contemplar uma educação ampla e abrangente no que diz respeito às exigências curriculares. Lembrando os movimentos pelos direitos universais Ariès; Chartier (1991, p. 9) argumentam que:

Uma das principais missões do indivíduo ainda era adquirir, defender ou ampliar o papel social que a comunidade podia tolerar. Pois, sobretudo a partir dos séculos XV e XVI, havia mais espaço de manobra numa comunidade que o enriquecimento e a diversidade das ocupações tornavam cada vez mais desigual.

Nesta circunstância a educação tornava-se possível. Ensinar e aprender nos vários momentos da aprendizagem e desenvolvimento da criança foi sempre buscado pelas comunidades. Uma vez que, para estimular a aprendizagem, faz-se necessário ampliar as oportunidades das experiências aprendidas pela criança Paín (1985, p.18) assevera: “[...] A maneira de fazer o que a educação prescreve tem por

objetivo a constituição do ser que determinado grupo social precisa: ser respeitoso, limpo, pontual, sem afetações”. Assim, o que se tem buscado ainda hoje é o aprender e o desenvolver esteja em constante contato com a natureza e/ou convivência social. Acerca disto, critica Quinteiro (2002, p. 5):

[...] é possível reafirmar que não só na Sociologia, mas no campo das Ciências Humanas e Sociais os estudos sobre a criança e a infância não têm merecido, por parte dos pesquisadores, ao longo de todo o século XX e início do XXI, uma atenção mais regular e sistemática.

A criança pequena na sua primeira aprendizagem está em contato com a natureza, por meio da convivência com a família tem suas experiências. O contato com a sociedade e espaço social, o acesso aos objetos que apreendem e aprendem a conhecer e manusear, permanece consigo, à espera da idade para ir à escola, local onde ela fará a junção dos conhecimentos, por meio da assimilação, que já havia aprendido torna-se, agora, parte da sua vida. Segundo Campos (2011, p.14) diz:

No fim do primeiro ano, familiarizou-se com muitos dos objetos que formam seu novo mundo, adquiriu certo controle sobre suas mãos e pés e, ainda, tornou-se perfeitamente iniciada no processo de aquisição da língua falada. Aos cinco ou seis anos, vai para escola, onde, por meio de aprendizagem dirigida, adquire os hábitos, as habilidades, as informações, os conhecimentos e as atitudes que a sociedade considera essenciais ao bom cidadão.

Para isto, torna-se imprescindível promover o ensino e motivar o aluno a querer aprender. Este acontecimento encontra-se pautado na confiança, afetividade e respeito desenvolvido por meio de uma relação de conquista, respeito e confiança entre o professor e o aluno, sendo possível fazer parte na organização para o planejamento pedagógico. [...] “O sujeito da aprendizagem incorpora o conhecimento e o saber, e não apenas informação. Para isso utiliza a subjetividade, isto é, o desejo está presente”. Rubinstein (2003, p.83). Ao perceber um mundo a princípio confuso e novo, o despertar do desejo em aprender e com a maturidade adquirida muitas vezes pela relação afetiva, a aprendizagem e o desenvolvimento se encontram no processo.

Para Rubinstein (2003, p.88), “[...] Na constituição do sujeito para o acolhimento e as expectativas em relação a criança e a importância da capacidade de simbolização para a aprendizagem”. O conteúdo estudado deveria ser associado a partir da história da criança. Deste modo a educação que almeja auxiliar diretamente

nos processos cognitivos dos alunos, consiste na orientação da sua formação. Hoje, temos consciência de que educar não é somente despertar o desejo de saber dos alunos, mas é também cuidar de seu desenvolvimento afetivo e social e favorecer sua autonomia moral.

2.5 Afetividade e Aprendizagem

A afetividade na educação infantil é muito importante, principalmente na relação professor-aluno, fazendo parte desse cenário o professor que está sempre se dispondo a ajudar o aluno. O professor assim terá condições de tomar decisões comprometidas com o desenvolvimento e habilidades e potencialidades que façam desse aluno uma pessoa mais feliz e realizada na sua aprendizagem. Dantas (1994, p. 65) diz:

[...] a afetividade influencia na construção do conhecimento, pois o tempo, no qual a aprendizagem de conteúdos se processa, depende do clima afetivo na sala de aula. O professor deve se relacionar afetivamente com seus alunos para que não se sintam desmotivados, dificultando assim a aprendizagem do mesmo.

Assim, a aprendizagem está ligada a prática pedagógica desenvolvida que faz parte da construção do conhecimento do aluno, ao professor cabe criar situações que dinamizem a interação através do diálogo que constrói, modifica, interpreta e enriquecem significados, a afetividade possivelmente faz se presente em sala de aula, com professor que impulsiona o desenvolvimento do aluno. É necessário considerar, “[...] que as decisões sobre condições de ensino, assumidas pelo docente, tem inúmeras implicações afetivas no comportamento do aluno, influenciando suas relações com os diversos objetivos de conhecimento escolares” (LEITE 2008, p.77).

Nesse sentido, o conjunto de acontecimento que colabora para o conhecimento, traz significado, e o aluno saiba refletir, que os fatos baseiam-se em elementos da realidade que seja em qualquer atividade humana, em que possam aprender algo possibilitando ocorrer de forma casual e espontânea ou organizada. Assim entende Rubinstein (2003, p.128):

No caso do sujeito da aprendizagem, ele pertence genericamente ao grupo de escolares. Deve-se reportar ao se espera dele como aluno e escolar. Mas ele não é qualquer aluno. É um aluno que tem história, pertence a um

grupo, possui suas marcas próprias, as quais o representam, e essas marcas são impressas nos objetivos por ele representados, criados e com os quais se relaciona.

É comum o surgimento de uma ‘necessidade’ de passar seu conhecimento ou de ensinar alguém, da mesma forma, que tenha aprendido ou ouvido, porém, com as crianças é necessário estar atento ao modo como isto será feito. O envolvimento com as histórias, para elas, proporciona vivenciar fatos através das palavras, pois, a criança só aproxima de um adulto quando se sente segura, passando a ter afeição e respeito, a admirá-la, imitá-la. A criança é um Ser que consegue ser social e, se conhecer bem o espaço que está inserida e as pessoas que os fazem sentir bem e seguros a relação torna-se favorável. Gradino (2010, p.38) afirma que:

O movimento infantil tem um sentido muito distinto daquele presente no adulto e é promotor do desenvolvimento da criança. O educador que se mantiver atento a essas manifestações da criança terá elementos extras para compreender e manejar o processo de aprendizagem.

A criança observa e sente o ambiente e quando percebe que a educação recebida foi pensada previamente para ela, que o professor é amigo e a quer ver bem no futuro, favorece a quebra de alguma resistência e o processo tende a fluir rumo a uma educação de qualidade, ampliando as noções sobre os mais diversos conhecimentos e para o desenvolvimento de sua mente e personalidade de acordo com os fins pedagógicos de seu tempo. Munari (2010, p.23) diz:

Se para aprender bem é necessário compreender bem, para compreender bem é preciso reconstruir, por si mesmo, não tanto o conceito ou objeto de que se trate, mas o percurso que levou do gesto inicial a esse conceito ou a esse objeto. Além disso, este princípio pode aplicar-se tanto ao objeto do conhecimento como ao sujeito que conhece: daí a necessidade de desenvolver paralelamente a toda aprendizagem uma metarreflexão sobre o próprio processo de aprendizagem.

Assim, torna-se evidente a ligação da pedagogia com o desenvolvimento dos alunos, e a importância de professores comprometidos neste processo, que assumam novas concepções de ensino apropriadas para as crianças de tal modo que, passam a ter incentivos e influência de uma forma saudável. Este conhecimento é necessário para que a estrutura, o espaço e o tempo do aprendizado sejam utilizados de uma forma mais eficaz para uma apreensão dos saberes necessários em cada fase, idade e necessidade.

[...] "aprender" que seria a consequência esperada, a consequência habitual de semelhante raciocínio, e o imperativo "ocupar-te contigo", entre a pedagogia compreendida como aprendizagem e outra forma de cultura, de Paidéia. (FOUCAULT 2008, p.58) Grifo do autor.

Desse modo a aprendizagem é muito importante, proporciona às crianças um desenvolvimento emocional, social e cognitivo, diante disso, observa-se que a oportunidade dada para a criança se expressar, e condições para elas observarem suas ações em seu tempo e capacidade de lidar com seus problemas. Há ainda a ampliação do conhecimento das mesmas em seu contexto, mas a razão maior deve estar justamente no fato de aproximar-se ao contexto emocional em que a criança presencia.

2.6 Afetividade na Relação Professor/Aluno

Caracteriza-se pelo respeito mútuo, por meio de afetividade pela confiança, e a necessidade básica da criança de se desenvolver, quer do ponto de vista intelectual, quer do sócio afetivo, a descentralização e cooperação são essenciais para o equilíbrio afetivo da criança, do qual depende seu desenvolvimento geral.

Para Sabini (1993, p.158): “[...] nessa perspectiva, a tarefa da escola é a transformação do estado atual de desenvolvimento do educando”. Assim, o espaço descontraído onde inclua segurança afetiva implica de modo positivo no desenvolvimento das fases principais da criança, mas a interação entre criança e adulto não se reduz a uma aceitação de caráter passivo, a estimulação incide em se considerar, a partir desse procedimento, sua integração social. Gradino (2010, p. 37) argumenta que:

O ser humano é organicamente social. Isso porque estão nessa força da emotividade humana e em seu caráter contagioso e epidêmico as condições para que seja mediada pela cultura, interpretada pelo adulto e promotor, a partir de então, do desenvolvimento cognitivo da criança.

Dessa forma o professor traz habilidade para estimular no desenvolvimento cognitivo e na formação de atitude, por meio de uma compreensão afetiva de segurança e bem-estar para a criança, respeitando e acolhendo-a com seu jeito de ser. Almeida (2010, p.107) afirma que: “[...] as relações afetivas se evidenciam, pois, a

transmissão do conhecimento implica, necessariamente, em uma interação entre pessoas”. Na relação professor e aluno, uma relação que o afeto está presente, pode vir a proporcionar uma boa relação para ambos, e para o desempenho escolar do aluno.

Conforme, Tassoni (2000, p.14): “[...] a partir da relação com o outro, através do vínculo afetivo que, nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim, conquistando avanços significativos no âmbito cognitivo”. Neste período, o professor precisa estar preparado psicologicamente para receber o aluno em sala de aula, por ser uma fase em que a criança necessita de atenção dos mesmos, a importância da afetividade para uma boa aprendizagem escolar. Cerisara (2008, p. 03) argumenta dizendo que:

Pelo fato de trabalhar com formação destas professoras a questão da afetividade assumia uma dimensão de destaque uma vez que as crianças desta faixa etária se encontram marcadas pelas emoções e por suas manifestações, fazendo com que as professoras tenham necessariamente que lidar com este "mundo das emoções" baseadas, na maioria das vezes, em noções teóricas muito precárias e insuficientes para instrumentalizá-las a lidar e compreender, tanto as descargas emocionais das crianças, quanto as suas próprias reações frente a estas descargas.

Neste sentido, segundo os autores mencionados, a afetividade seria uma resultante, do ambiente social onde a convivência é harmônica entre os indivíduos envolvidos e, onde o convívio se faz necessário todos os dias, para ambos, sendo guardados pelas diferentes pessoas e diversas culturas presentes no ambiente escolar. Foucault (2008, p. 461) assim destaca:

Do originário que articula a experiência humana com o tempo da natureza e da vida, com a história, com o passado sedimentado das culturas, o pensamento moderno se esforça por reencontrar o homem em sua identidade nessa plenitude ou nesse nada que é ele mesmo, a história e o tempo nessa repetição que eles tornam impossível, mas que forçam a pensar, e o ser naquilo mesmo que ele é.

Assim o professor que atua como agente de transformação, também torna-se avaliador do conhecimento, por explicitações e compreensão, exclusivamente por meio de expressão e escrita, sua estratégia entre o conhecimento e a aprendizagem pode atribuir valores para a identidade dos alunos. Foucault (2008, p. 469) diz que: “A identidade separada de si mesma numa distância que lhe é, em certo sentido,

interior, mas que, em outro, a constitui, a repetição que oferece o idêntico, mas na forma do afastamento estão, sem dúvida, no coração desse pensamento moderno”. Isto os ajuda a atingir a maturidade, e internalizar novas formas de conceber e agir.

Assim, para que a pesquisa constituísse precisão e referendos adotei uma metodologia que aliasse as atividades de pesquisadora com os procedimentos técnicos para que o objetivo fosse alcançado. Desta forma procurei estudar a arqueogenealogia de Michel Foucault para compor os encaminhamentos e procedimentos adotados na seção que segue, tanto na elaboração teórica, quanto nas observações da prática em 01 (uma) sala de aula de Educação Infantil - pré-escolar e 01 (uma) sala de aula do primeiro ano do Ensino Fundamental, assim como nas entrevistas com as professoras participantes.

3. A ARQUEOGENEALOGIA E AS DIREÇÕES PARA A PESQUISA

“[...] fazer uma arqueologia do saber significa para Foucault, elaborar uma reflexão original que, a partir da análise das práticas discursivas, possa revelar o solo onde aconteceram as possibilidades de pensar [...]” Marcondes e Japiassú (1996,p. 17).

3.1 A lógica da Arqueologia e a Genealogia como princípio de pesquisa

O caminho metodológico contextualizado nesta pesquisa equivale à aproximação da Arqueologia com a Genealogia conforme os estudos de Michel Foucault. Essa escolha atribuiu especialmente pelo modo como é conduzido o enfoque realizado através de observações e entrevistas, nos quais é possível compreender, a junção da teoria com a prática que formam a base da análise do objeto. Segundo Veiga-Neto (2007, p.37) “Assim, muitos consideram discutível tomar a arqueologia e a genealogia como metodologia”. Considerando que, apenas inserindo no contexto é possível interpretar, tais manifestações observadas.

Michel Foucault entende que a arqueologia possibilita a análise histórica dos processos de subjetivação por meio dos enunciados postos a compreensão e interpretação, e, por isso concebe o seu trabalho como uma ontologia do presente e histórica de nós mesmos. Assim, quando a ação arqueológica se funde com a genealógica que busca a história no momento em que ela acontece estabelece marcas pelas buscas de todo processo do discurso, não procurando a origem dos acontecimentos, sendo então construída pelos movimentos históricos de pequenas verdades. Neste sentido:

[...] os fenômenos de expressão, de reflexos e de simbolização são, para ela, apenas os efeitos de uma leitura global em busca das analogias formais ou das translações de sentidos; quanto às relações causais, elas só podem ser assinaladas no nível do contexto ou da situação e de seu efeito sobre o sujeito falante (FOUCAULT, 2008, p.184).

Diante disto, é possível entender que o professor busque a comunicação e socialização entre ele e aluno, para poder desenvolver melhor os processos de ensino e de aprendizagem, pois é por meio da relação interativa com o outro que have-

rá possibilidades de avanços tanto na linguagem quanto no modo de entendimento. Para isto, a arqueologia Foucaultiana dos discursos assim se expressa: “[...] não é apenas uma análise linguística, mas uma interrogação sobre as condições de emergência de dispositivos discursivos que sustentam práticas” (REVEL, 2005, p.38). Assim, a fase genealógica de Foucault é marcada pelo surgimento do conceito de História do presente, que a partir daí implica suas análises em relação ao Poder.

No entanto, o surgimento da genealogia não anula a arqueologia, para isto, corresponde a um conjunto de investigações das relações dos acontecimentos que permitem emergir um discurso que, evidencia na passagem do que é apreendido para o que se torna legítimo ou tolerado. Assim se expressa Foucault (1996, p.8):

[...] esse desejo não sejam outra coisa senão duas replicas opostas a uma mesma inquietação: inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem duvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir.

A etapa seguinte compreendeu o cruzamento dos dois conjuntos de pesquisas teórica e prática cujos dados foram relacionados às interações observadas, complementando com as respostas das entrevistas. Vale ressaltar que durante o período de pesquisa também participei do trabalho pedagógico auxiliando as professoras e substituí uma delas que precisou se ausentar via atestado médico. Deste modo, esta pesquisa também está pautada na metodologia de pesquisa participante que acena para a seguinte pontuação: “[...] na observação participante, o pesquisador participa da situação que está estudando, sem que os demais elementos envolvidos percebam a posição dele, que se incorpora ao grupo” (PRESTES, 2005, p. 30).

Para se alcançar os objetivos da pesquisa, a opção foi analisar as relações em seu próprio contexto, a sala de aula, onde os se dão os acontecimentos, possibilitando maior compreensão que corresponde a um conjunto de averiguações do assunto em questão. Assim, a relação com o outro tem papel fundamental para o desenvolvimento de cada indivíduo, na aquisição dos saberes e expressão de vivência no ambiente com autonomia.

Para a pesquisa de campo e captação dos dados me apresentei via documentos oficiais fornecidos pela Universidade (ofício em 03 (três) vias, 01 (uma) delas para os arquivos da escola, visto e assinado pela coordenadora da mesma, estando

uma das vias nos arquivos da universidade e outra sob meu domínio e frequência acadêmica) para dar crédito à pesquisa.

Para a realização desta etapa iniciei com uma conversa formal explicando o motivo da minha ida à escola, onde fui bem recepcionada pela coordenadora e as professoras (que serão chamadas de “professora F”; “professora S” e “professora L” – se faz necessário frisar que no desenrolar da pesquisa, a “professora S” foi substituída pela “professora L”). A utilização das letras no lugar dos nomes teve como princípio a preservação da identidade das mesmas, procurando não expor qualquer informação que venha a identificá-las, bem como, as observações em sala de aula e as entrevistas realizadas.

Deste modo a pesquisa, conforme mencionado, foi realizada em 02 (duas) salas de aula de uma instituição pública de Educação infantil e Ensino Fundamental na cidade de Ariquemes-RO. Durante o tempo de observações em que a pesquisa se debruçou, para melhor compreender a conduta do professor em seu trabalho com relação à afetividade junto aos alunos busquei me referenciar nos conceitos que Michel Foucault, os quais utilizei como ferramenta, não somente metodológica, mas também para as análises dessa pesquisa.

3.2 Uso da Arqueologia para Saber: A sala de aula como ambiente de investigação

A opção pela escola foi em função do seu tamanho proporcional ao atendimento de alunos da Educação Infantil ao 2º (segundo) ano do Ensino Fundamental, e comprometimento com o processo de aprendizagem, visando a formação de cidadãos críticos. Esses aspectos foram fundamentais para a pesquisa. Neste ambiente realizei as observações e a permanência em sala de aula, no período de 14 de fevereiro que se estendeu a 23 de maio de 2016.

Sobre as salas de aulas observadas e professoras entrevistadas, cito que a turma do pré-escolar é formada pelos alunos da “professora F” e a turma do primeiro ano do Ensino Fundamental, alunos da “professora S” de uma escola pública da rede municipal de Ariquemes/RO. A partir deste momento passei a conhecer o cotidiano das salas de aula, não apenas para observar as ações relacionais entre professo-

ras e alunos, mas para aprofundar a minha compreensão acerca da temática em estudo, bem como, a dimensão individual, social e condição comum no grupo.

As entrevistas fazem a parte genealógica da pesquisa, as mesmas foram realizadas no dia quinze (15) de julho de 2016, no horário das 15h30min, marcado com a “professora L” (coincidindo no dia do planejamento), na sala dos professores. Tiveram como instrumento um questionário-guia e um gravador de áudio. Já a segunda entrevista, que seria com a “professora F”, da sala do pré-infantil da mesma escola, quando indagada que dia e hora poderia se disponibilizar para a entrevista, ela disse: “Eu não gosto de dar entrevista”. Reforcei a explicação anterior de que os nomes não seriam divulgados e mesmo assim, não concedeu a entrevista.

No entanto, respeitei a vontade da “professora F” de não dar entrevista, me respaldando em Foucault (2008, p.240) que diz: “O que há de desagradável em fazer aparecer os limites e as necessidades de uma prática no lugar em que tínhamos o hábito de ver desenrolarem-se em pura transparência, os jogos do gênio e da liberdade”. Apesar disso, tornei a entrevista em questionamentos com anotações com a finalidade de compreender, desta professora, a afetividade na relação professor-aluno, enquanto processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil.

Esta proposta implica, necessariamente, em assinalar as especificações da afetividade na relação professor/aluno para o desenvolvimento e intencionalidade de ensino-aprendizagem, as quais não poderão estar em discordância, com as diretrizes que as norteiam, bem como do referencial teórico que os fundamentam. Focalizo principalmente na presente reflexão sobre o acontecimento que proferi da aprendizagem, bases, objetivos e metas que permitem compreender o processo.

Almeida (1999, p.52) diz: “[...] enquanto o sentimento se caracteriza por reações mais pensadas, logo, menos instintivas, as reações emocionais são de tipos ocasionais, instantâneas e diretas”. A aprendizagem parte do objeto de conhecimento, dando sentido e significado, ao homem que interage com o social. Neste sentido, Pain (1985, p.15) menciona que:

O processo de aprendizagem não configura nem define uma estrutura como tal, e o fato de certos acontecimentos serem passíveis de classificação, sem confusão, sob o nome “aprendizagem”, se deve mais à sua função e modalidade e, no melhor dos casos, à sistematização das variáveis intervenientes do que à sua assimilação a uma construção teórica coerente. Grifos do autor.

No entanto, atribui-se ao professor o esforço para apresentar os conhecimentos que queira transmitir aos seus alunos de forma que os aproximem. Assim, promover o interesse e atenção, associando-o ao nível cultural, permitindo planejar, com bastante precisão, transmitindo a sua mensagem de ensino, o que para muitos representa uma primeira aproximação com o aprender, implicando, ainda, que os modelos de ensino sejam capazes de atender à diversidade dos alunos.

As observações em sala de aula foram organizadas assim: no dia (14/02/2016) dei início à primeira observação no período matutino das 07h20min, às 11h30min e tiveram a duração de 02 (dois) meses. Na sala de aula da Educação Infantil com os alunos do pré-escolar. Neste dia fui apresentada para turma e para a “professora F”. Essa sala tem um total de 23 (vinte e três) alunos, que frequentam. Foi utilizado um diário de campo para os devidos registros. Passei a observar o comportamento resultante das relações entre eles, alunos, e a professora, e também, as atividades de sala de aula. Pude perceber que nesta sala os alunos são muito pequenos e que depende a todo o momento de atenção da professora, que em nenhum período deixou de atender aos chamados das crianças.

Então a “professora F”, iniciou uma roda conversa, para falar qual a função do cantinho da leitura (um projeto que está sendo desenvolvido na sala de aula), explicando para as crianças qual a importância dos livros para as pessoas e que o gosto pela leitura e pela escrita começa na infância. Em seguida a professora pediu para que os alunos escolhessem um livro, na sequência solicitou que comentassem sobre o livro escolhido. Pude perceber que, a “professora F”, é muito atenciosa, carinhosa, com os alunos, mas quando necessário se exalta, devido a bagunça excessiva, falando alto, chamando atenção dos mesmos e fazendo com que falem mais baixo.

Com o passar dos dias, observei que a interação da “professora F” com seus alunos, ocorre o tempo todo, na sala de aula e fora dela, na hora do lanche nas brincadeiras no parque. Sobre isto me referendo em Kishimoto; Pinazza (2007) que entendem que se faz necessário valorizar a liberdade e questionar a arbitrariedade como condições para a brincadeira associando-a ao ensino. Desta forma, denota-se que qualquer ambiente pode ser um lugar privilegiado para as curiosidades das crianças, cabendo ao professor avaliar os interesses para atender e proporcionar momentos de desenvolvimento por completo, já que a experiência da Educação Infantil é muito marcante para os alunos.

Almeida (1999, p.44) diz: “O ouvir e o ser ouvido torna-se um imperativo infantil. O elogio transmitido por palavras substitui o carinho. Com o tempo, as relações afetivas se estendem para o campo do respeito”. Então cito que: a “professora F” não exige muito dos alunos, já que desenvolve as atividades direcionadas a coordenação motora das crianças. E Para avaliar o desenvolvimento e aprendizagem dos mesmos, utiliza os portfólios, onde são colocadas todas as atividades desenvolvidas durante os semestres, de forma natural se a criança sentir vontade de ver e rever tudo o que produziu, este fica ao alcance dos olhos e das mãos.

Os saberes adquiridos pelas crianças se fixarão e servirão como degraus para direcionar a vida, assim: “[...] O estudo integrado do desenvolvimento, ou seja, que este abarque os vários campos funcionais nos quais se distribui a atividade infantil afetividade, motricidade, inteligência” (GALVÃO 1995, p.22). Com esta citação finalizo a primeira parte de observações, na sala do pré-infantil.

Da mesma forma que ocorreu a primeiras etapas das observações, também foi possível desenvolver a sequência da segunda parte das observações, que começou no dia, 21/03/2016, em uma turma do primeiro 1º ano do ensino fundamental, com 24 (vinte e quatro) alunos, na sala da “professora S”. As observações ocorreram no horário das 07h20min, às 11h30min. e teve a duração de 03 (três) meses, contando com o dia da entrevista. Fui apresentada aos alunos, que me recepcionaram muito bem. Comecei a fazer as observações especificamente de como se davam as relações entre a professora e os alunos.

Durante o processo, notei que havia um aluno que estava sendo acompanhado por uma cuidadora (nomeei a cuidadora de “I” e o mencionado aluno de “V”). No intervalo da aula, fiquei na sala, para fazer as anotações, junto com a “cuidadora I” e o “aluno V” que necessita de cuidados especiais e durante o diálogo que desenvolvi com a mesma, me disse que: “na sala não havia só esse aluno, que precisava de uma cuidadora”, mas até então eu não havia notado diferença nos outros alunos, foi aí que, ela disse: “Tem mais dois alunos com diagnóstico de hiperativo”, aproveitando a oportunidade perguntei, qual era o diagnóstico do aluno “V”, e ela respondeu: “Consta no laudo médico que ele é hiperativo incluindo a Síndrome de *Pierre Robin*”¹

¹ Segundo a Drª Ilza Lazarini Marques, Pediatra e Diretora do Serviço Médico HRAC- USP, a Sequência de Robin (SR) é uma anomalia congênita rara, caracterizada pela ocorrência de glossoptose como sendo a queda da base da língua sobre a hipofaringe, com consequente obstrução à passagem do ar e dificuldade respiratória.

Observei que, antes do início das aulas a “professora S” junto com os alunos faz uma oração em seguida começa ministra aula de matemática, explicando o conteúdo, percebi que, só alguns deles conseguem assimilar a explicação, enquanto que a minoria dizia que não havia entendido, solicitando a ajuda, quando verificado qual parte da explicação eles não entenderam, as vezes eram um números, outras vezes eram letras que os mesmos não sabiam como fazer.

Para Meirieu (2005, p.125). “Vale considerar ainda que não se devem minimizar as dificuldades bastante reais que o professor podem ter para conseguir que alunos de níveis diferentes trabalhem juntos de maneira eficaz”. Ficando assim, evidente que é de grande valia o papel do professor quanto a sua orientação, devendo influenciar, oferecendo facilidades, apoiar de modo mais envolvente possível, exigindo o melhor desempenho.

Desta forma descrevo na íntegra o comentário que a professora faz ao final de mais um dia de observação dizendo: “A aula hoje foi tranquila, porque o “aluno V” faltou, quando ele está em sala, deixa as aulas tumultuadas, e restantes dos alunos agitados”. No entanto os laços criados no ambiente escolar não pode se pensar no aluno bonzinho ou o bagunceiro da turma, porém o processo da relação direta e personalizada será de grande importância para que esse aprendizado aconteça na relação professor/aluno.

Para, Kishimoto e Pinazza (2007, p.58) “Não se trata, portanto, de uma educação adocicada que atenda os interesses imediatos e passageiros da criança”. O dever de conscientizar para manter um bom relacionamento professor e alunos, oportuniza o comportamento e estimula as respostas que podem garantir o sucesso do ensino e aprendizagem. Mas também é sabido que na relação existente em sala de aula, pode ou não surgir hostilidade por parte aluno em relação ao professor, sendo desencadeados por incertos motivos, pessoal e emocional da criança ou mesmo do adulto.

Segundo Angotti (2007,95) “para se entender melhor o homem, é importante e necessário contextualizá-lo em seu espaço e tempo”. Para isto, durante o processo de observações na sala de aula surgiu um imprevisto. No dia 29/4/2016 ocorreu a troca da “professora S”, na sala do 1º (primeiro) ano do Ensino Fundamental, por tempo indeterminado, ficando afastada por meio de laudo médico, por motivo de do-

ença. Para continuar as atividades na sala de aula, assumiu a “professora L”, para ficar até o final do ano letivo.

Com este acontecimento me deparei com uma certa dificuldade em lidar com esta novidade. Fiquei com receio em dar continuidade às observações, por ser uma nova professora e por ficar em dúvidas quanto a continuidade das observações, me apresentei e expliquei o porquê da minha pretensa pesquisa, então ela consentiu que eu continuasse com as observações, já que estava se conduzindo para o final. Observei que, a professora age tranquila com habilidade satisfatória às aulas.

Segundo a “cuidadora I”, para cada aluno com necessidades especiais, tem uma cuidadora que fica disponível no período em que o aluno permanecer na escola, sendo elas contratada pela Associação de Pais e Professores (APP) da escola. Ela só vai ficar como cuidadora do “aluno V”, até a chegada da outra para substituí-la, já que, faz um ano que, “I”, trabalha cuidando do mesmo aluno. No relato “I”, diz: “Chamo atenção, mas “V”, não me obedece e nem ouve, tem dia que chega à sala, irritado, agressivo”. Um relato que é confirmado pela “professora S”.

Neste sentido é possível entender em Foucault (1972, p.131) que: “Em certos estabelecimentos os loucos só são recebidos na medida em que sejam teoricamente curáveis; em outros são recebidos apenas para livrar se deles ou recuperá-los”. Observei que as crianças se interagem muito bem com “V”, já a “professora S” diz:

“V” se desenvolveu muito durante esse período que permanece na escola, estar mais calmo, ouve as professoras, passa mais tempo sentado em sala de aula, coisa que antes era muito difícil essa interação com os colegas, uma das atividades que ele mais gosta de fazer, pintura.

Durante as observações notei que, a “professora S” encontra se cansada para lidar com as crianças dessa idade em sala de aula, ficando irritada com o barulho que as crianças fazem na sala, e também, com as perguntas dos alunos. Isto a deixa desconfortável, pois, “O movimento é sempre associado a agitação e tumulto, portanto há uma grande preocupação em excluir o aspecto motor, uma vez que não se sabe lidar com ele na sala de aula” (ALMEIDA, 1999, p.90).

Então surge mais um relato, “professora S”, comenta que: “Um dos dias mais cansativo é quando o “aluno V” está em sala, tornando difícil, acompanhar a atividades das demais crianças, assim deixa todos agitados”. Se faz necessário nessas

situações, que a professora esteja observando para intervir, no momento oportuno. Pois, é imprescindível.

[...] garantir a todas as crianças uma efetiva igualdade de oportunidade para aprender, a escola se quer democrática deve atender a diversificação da sua clientela. Para tanto, ela deve considerar em seu trabalho as experiências de vida e as características psicológicas e sócias culturais dos alunos que atende, buscando uma adequação pedagógico-didática à sua clientela, tornando possível um processo de aprendizagem realmente significativa (DAVIS 1994, p.11).

Em uma das atividades realizadas, os alunos tiveram momentos de leituras na biblioteca, a “professora S”, ficou na sala corrigindo os cadernos, pediu para que eu e a “cuidadora I”, levássemos as crianças para biblioteca, chegando lá, fomos recepcionados por duas bibliotecárias que pediram para os alunos se organizarem. Em seguida distribuiu os livros que já estavam separados. Então uma delas esclareceu que todos os alunos vissem os livros e depois poderiam entre eles fazer a troca, assim compartilhando o material. Observei que o “aluno V” interagiu muito bem com as outras crianças ficando à vontade neste ambiente.

Conforme, Almeida (1999, p.47) “Nas interações da criança com o seu meio próximo. As expressões da afetividade vão se especializando, tornando cada vez mais fortes as interações sociais”. Em outro momento na sala, a “aluna A”, estava falando alto com outro colega, no mesmo tempo a “professora S” explicava o conteúdo. Então “A” é chamada atenção pela “cuidadora I”, que diz: “Você senta e fique calada, sua sem limite”. Logo depois aluna mostrava uma atitude afetuosa com a cuidadora.

Para Galvão (1995, p.45) “Atividade eminentemente social, a emoção nutre-se do efeito que causa no outro, isto é, as reações que as emoções suscitam no ambiente funcionam como uma espécie de combustível para sua manifestação”. Então observei que a “professora S” trabalhava as dificuldades com atendimento individual, levando o aluno para a sua mesa e explicando com mais detalhes o conteúdo, enquanto que os outros copiavam as atividades do quadro. Assim, tentando motivar os alunos a continuar possibilitando assimilar o que acabara de explicar.

A “professora S” faz diagnostico com alunos, para avaliar o desenvolvimento e aprendizagem, através de ditado de palavras, pedindo para copiarem no caderno. Os alunos fizeram com dificuldade, já que tiveram que escrever palavras difíceis, dentre elas, Helicóptero. Conforme o resultado do diagnóstico os alunos eram esco-

lhidos para fazer aula de reforço em horário oposto, sendo essa aula ministrada pela coordenadora. Nesta turma com 24 (vinte e quatro) alunos; “A”, “H”, “M”, “N” e “R” foram escolhidos para fazer o reforço. Neste sentido, Kishimoto (2007, p, 46) entende que:

A educação é vista como parte do processo geral de evolução pela qual todos os indivíduos estão unidos à natureza e fazem parte do mesmo processo. A vida em que a criança deve ser inserida não é a vida do adulto, mas a vida que a rodeia no presente.

Após alguns dias de observações; um fato novo surgiu; chegando à sala de aula fui informada pela coordenadora que, a “professora S”, foi afastada de sala, por tempo indeterminado, por motivo de saúde, sendo substituída pela “professora L”, pedindo para que eu a auxiliasse com os alunos, pois, a mesma veio para esta escola enviada pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED), para a substituição. Assim a coordenadora apresentou a nova professora, para turma e explicou a saída da “professora S”. Com este acontecimento observei que, as crianças ficaram assustadas e inquietas com a situação apresentada.

A “professora L” explicou para os alunos como iria trabalhar em sala e apresentou um cartaz dizendo que eram “combinados” - embora o mesmo veio pronto e imposto aos alunos - buscando uma ordem para condução das atividades com os seguintes dizeres: prestar atenção na aula; guardar os materiais; não empurrar quando estiverem em fila; não gritar e; etc., dizendo que, estaria lembrando essas regras todos os dias. Em seguida faz leitura de um conto infantil, depois pede para os alunos desenharem o que mais gostaram na história que acabaram de ouvir.

Sobre isto, Ferreiro (2010, p.33) entende que: “Nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem”. Dessa forma observei que, a professora gosta de trabalhar com dinâmicas começando roda de conversa e leituras colocando as crianças construtoras dos seus saberes possibilitando a elas estarem em constante contato com o mundo das letras, para que adquiram gosto pelas mesmas.

Depois de alguns dias faltando as aulas, o “aluno V” retorna para escola, segundo a mãe do mesmo estava doente. Pela primeira vez a “professora L” teve contato com o mesmo, que assustado com a mudança não aceitou ficar na sala, então, a coordenadora levou-o para a sua sala até que ele se acalmasse, só depois é trazi-

do de volta. Observei que, a professora ficou preocupada e temerosa com as atitudes e comportamento do aluno, mas logo, os ignora, continuando as atividades com os demais.

De acordo com, Röhrs (2010, p.28) “A educação das crianças deve ser conduzida de maneira equilibrada desde o começo, caso contrário, as primeiras impressões produzem maneiras deformadas ou falseadas de compreensão, de expectativa, de comportamento”. Deste modo, percebi que a professora não está preparada para lidar com esse tipo de situação, deixando transparecer, ficando inquieta, com a presença do “aluno V”, em sala. Não havendo uma sintonia na relação professor/aluno.

Conforme LDB (1996, p.23) no seu capítulo V, Da Educação Especial, parágrafo 3º, “Professores com especialização adequada em nível Médio ou Superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns”. Porém tal verificação foi surpreendente nesta pesquisa, visto que diante de tantas diferenças e o combate a preconceitos referentes às pessoas com necessidades especiais de educação ainda se observa dificuldades na participação e diálogo em sala de aula, diante isto, a criança fica desamparada dentro do processo de ensino e aprendizagem.

Acerca deste assunto, Keple (1974, p.21) diz:

Na origem desse processo está uma importante transformação na área do pensamento, que a professora deverá conhecer a fim de adaptar a sua maneira de ensinar às peculiaridades dessa fase evolutiva. O desenvolvimento social e o desenvolvimento do pensamento constituem os aspectos mais significativos desse período.

No desenvolvimento da pesquisa em campo e diante das leituras realizadas percebi a importância que as práticas pedagógicas conscientes têm na ação dos professores, visto que as mesmas mediarão a relação que o aluno estabelece entre conhecimento e os diversos elementos que envolvem na educação e no processo do ensino e da aprendizagem. Assim, cabe à escola adotar e ampliar os espaços de debates e reflexões a fim de que a educação possa livrar o aluno de ser tachado, passando a ser tratado com estímulo e não como problema.

3.3 Uso da Genealogia para Saber: Das entrevistas

Este tópico tem por finalidade analisar sob a ótica arqueogenealógica as entrevistas tendo por base o aparato teórico de apoio fomentadores dos resultados de pesquisa na escola selecionada. Para concretização das entrevistas utilizei um questionário-guia e gravador de áudio aonde registrei o conteúdo das perguntas. A entrevista ocorreu no horário do planejamento com uma das professoras participantes. Ao concluir as etapas de observações e entrevistas fiz a transcrição dos relatos digitando-as e mantendo a fidelidade das informações obtidas objetivando fazer a análise destes discursos conforme posto pela proposta metodológica contemplada.

Deste modo, irei apresentar os dados que encontrei durante a pesquisa prática, analisando, obtive um melhor entendimento da temática em questão. Compreendi com Foucault (2008) um pouco mais sobre os temas e obsessões que se ocultam ou se manifestam nas práticas discursivas que obedecem a regras.

Também busquei alguns conceitos fundamentados na visão de Walloniana, os quais encontram-se inseridos neste contexto de afetividade na relação de aprendizagem, significando em um tipo de atenção que pode ser praticada pelo professor, tanto em sala de aula como fora dela. “Foram às necessidades da prática que em primeiro lugar fizeram sentir um desacordo fundamental entre a realidade e os esquemas utilizados para explicar as operações”. (WALLON 1968, p.22). Assim, foquei-me na entrevista para compreender as transformações dos sentimentos e atitudes em relação à criança em sala de aula.

Num espaço educativo, cuja função principal é a de interceder pelo conhecimento, possibilitando ao aluno o acesso para reconstruir o saber, essa função está inseparável da relação professor/aluno, que se dá através da interação, de forma que, seja significativo. Assim, enfatizo diálogo, ao procedimento da entrevista ocorridos e anotados da originalidade da fonte e a reprodução dos escritos conforme se apresentam.

Dei início a entrevista perguntando sobre a formação para a “professora L” que disse: “ter formação em pedagogia, especialização em orientação escolar, pós-graduação em ciências sociais, geografia e história. Trabalha na educação há 26 (vinte e seis) anos”. Conhecer o que se faz é importante, pois, só assim é possível

operar sobre o que se apresenta real, compreendê-lo e transformá-lo tendo por base uma melhor organização e adaptação.

Seguindo a entrevista perguntei: Você acha necessário trabalhar afetividade na sala de aula a relação professor e aluno? “Professora L” respondeu: “Acho essencial, quando o professor conquista a confiança do aluno eles podem ter alguns avanços na questão da aprendizagem”. A professora sabe que a falta de comunicação e diálogo entre professor e aluno pode trazer danos nessa relação, por ser o diálogo fundamental no processo de ensino e de aprendizagem.

Outra pergunta feita: Na sua concepção a ausência de afetividade na relação professor/aluno interfere no processo da aprendizagem? “Penso eu que sim, que dificulta um pouco mais, é quando aluno não tem aquela confiança, liberdade para se expressa, dificulta um pouco aprendizagem do aluno”. Sobre esta questão, Meireu (2005, p.153) lembra que nem sempre se valorizou as relações e diz: “Seríamos então herdeiros dessa fissura institucional do século passado em que, efetivamente, o professor das series iniciais do ensino fundamental, para escolarizar todas as crianças, tinha de pôr em prática pedagogias adequadas”. Assim que, ocorre o diálogo entre professor e aluno ambos conseguem expor suas vontades e estabelecer uma relação dinâmica envolvendo afeto, respeito baseado nesses fatores.

Perguntada se na sua concepção quando a criança em sala de aula é tratada com afetividade ela pode desenvolver aprendizagem? E de que neste sentido de qual maneira pode ser trabalhado essa criança? A “professora L” respondeu:

Sim, quando o professor trata com carinho, atenção, a criança vai sentir mais confiança e vai se desenvolvendo no tempo dela, de acordo com a maturidade, no momento na hora dela. Eu penso que cada criança tem um tempo para avançar, uma é mais rápida, outras nem tanto então essa afetividade com professor só vem a contribuir.

Esta questão se referenda em Paín (1985, p.18) que assevera que:

Educar consiste então em ensinar, no sentido de mostrar, de estabelecer sinais, de marcar como se faz o que pode ser feito. Desta forma, a criança aprende a expressar-se, a vestir-se, a escrever, e também a não se sujar, a não se atrasar, a não chorar. A maneira de fazer o que a educação prescreve tem por objetivo a constituição do ser que determinado grupo social precisa: ser respeitoso, limpo, pontual, sem afetações.

Dando sequência à entrevista solicitei a opinião da “professora L” sobre como os professores da educação infantil definiriam a afetividade e o seu papel na relação professor-aluno? Ela respondeu: “No diálogo, no dia-dia, nas brincadeiras dirigidas, nas atividades dirigidas, respeito, troca de ideias na roda de conversa”. Assim é importante nessas situações, como em todas as outras que acontecem no cotidiano da sala de aula, que o professor esteja atento, observando se o aluno está aprendendo, para intervir com naturalidade no momento oportuno, assim sugerindo de forma de compreensão mais simplificada para o aluno.

Dessa forma, qual o sentido da afetividade para o professor da educação infantil na relação ensino e aprendizagem? A professora diz: “A confiança é a palavra-chave, seria a criança e a própria família vai com o tempo adquirindo segurança no professor por meio da confiança”. Foucault (2008, p.163) “Não quer reencontrar o ponto enigmático em que o individual e o social se invertem um no outro”. Nesse aspecto qual foi a maior dificuldade que você enfrentou trabalhando com alunos da educação infantil? Sua resposta foi: “Penso que não só na Educação Infantil, mas de uma forma geral, quando a gente não tem o apoio e o acompanhamento da família essa é a maior dificuldade”. Para isto

Permite-nos compreender que não se pode, de forma alguma, nem apagar o mestre, nem suprimir o esforço puramente intelectual, nem contar apenas com a espontaneidade do escolar. As soluções são muito mais complexas, exigindo uma melhor adaptada da criança a escola, uma melhor apropriação da escola a criança, sem pressupor nem operar uma oposição metafísica entre a natureza e o meio, entre o indivíduo e a sociedade (WALLON 1968, p.18).

Em sua opinião é possível trabalhar afetividade durante o processo ensino e aprendizagem em sala de aula na Educação Infantil? Para a “professora L”: “Com certeza”. Em seu ponto de vista quais as responsabilidades do professor para com aluno em processo ensino e aprendizagem? Ela respondeu: “Das reponsabilidades penso que, pontua os avanços dos alunos, com relação a aprendizagem e comportamento, por mais que a gente pensa que dá para separar o emocional, mas está junto com a questão aprendizagem, um caminha ao lado do outro” (PROFESSORA L).

Neste sentido, Sabini (1993, p.15) entende que “O ser humano nasce com um repertório inicial de comportamentos e capacidades que irão medir sua interação com o ambiente”. Uma questão preocupante é como seria a afetividade na relação

professor-aluno para com as crianças com necessidades especiais em sala de aula no processo ensino e aprendizagem? A “professora L” respondeu: “As crianças especiais são mais carentes, do olhar, atenção do professor, a afetividade só vem a contribuir para com esses alunos”. A percepção de tal acontecimento que me fez refletir sobre a importância da qualificação e busca constante para o referido assunto, e com isto melhorar a educação e os profissionais poder lidar com a situação de inclusão na sala de aula com maior tranquilidade.

Para Foucault (1972, p.390) “Não se trata aqui apenas de reflexões a meio caminho entre a moral e a medicina. Deve-se levar em conta, sem dúvida, toda uma literatura, toda uma exploração patética, talvez política, de temores mal definidos”. Nesse contexto, no comércio, os rótulos dos produtos dão informações, da mesma forma acontece com as crianças que estão inclusas na escola, os professores ficam perdidos com relação aos laudos da criança. Meirieu (2005, p. 51) destaca que:

É preciso, de fato, identificar o que dever mover o grupo, o tipo de relações que os indivíduos devem manter entre si. Visto que o objeto comum aqui é o conhecimento, trata-se necessariamente de uma interação cognitiva. É bom evitar qualquer mal-entendimento: a Escola não pode suspender por decreto a afetividade, e todos, na classe, tem o direito de manter suas reservas.

No cotidiano educacional a ligação entre o aprendizado e a criança, está na relação professor/aluno que vai além do profissional, já que, envolve o afetivo que leva a uma aproximação maior entre ambos. Para o processo de desenvolvimento do aluno, assim com o meio e o adulto, um laço de confiança e amizade se faz onde há trocas de informação mútua, e, flui principalmente quando isto acontece dentro da sala de aula, porque a relação é constante e possibilita a transformação dos alunos, em um espaço descontraído e propício à aprendizagem. Atualmente a educação infantil não é apenas o cuidar, para isto, a Lei de Diretrizes e Base LDB 9394/96 define a educação infantil da seguinte forma:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996, p.12).

O querer saber e ter vontade de aprender são condições essenciais para a criança, de forma que, o respeito e a harmonia entre professor e aluno proporcionam

um trabalho construtivo, em que a criança não é vista como mais um número em sala, mas, como uma pessoa que tem emoção, capacidade de desenvolvimento cognitivo para o social. Para isto, a utilização da observação em sala de aula mostrou-se adequada para focalizar as interações entre professor/aluno e a entrevista de suma importância para a finalização da compreensão do tema pesquisado e do ambiente. Não encerrando o assunto, friso que com outros indivíduos esta pesquisa poderia ter resultado diferente, pois, o episódio da troca de professoras me fez refletir que a afetividade também está alojada nos indivíduos e suas diversas relações entre eles.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da elaboração deste trabalho que teve por objetivo estudar a importância da afetividade na relação professor/aluno, pude perceber sua importância para os processos de ensino e de aprendizagem, porque o ser humano se desenvolve por meio do convívio em sociedade com o outro, ou seja, a partir das relações e interações. Do mesmo modo a criança precisa ser vista como um todo pelo adulto, de forma que, o professor será o facilitador da aprendizagem para o desenvolvimento da criança, sendo a relação entre afeto, emoção e cognição elementos fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo.

A Educação Infantil e o primeiro ano do Ensino Fundamental possibilitam a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, não deixando de lado o social e emocional sendo este um espaço de acolhimento. Desta forma, o professor deve estar em constante preparação para proporcionar aos seus alunos momentos gratificantes que envolvam todo este conjunto. Esta fase de experimentação na Educação se torna marcante para os alunos, sendo por vezes, base para as condutas de vida. Dessa forma os dados analisados no decorrer desta pesquisa indicaram que uma relação adequada entre professor/aluno, pode subsidiar o desenvolvimento do indivíduo na fase escolar e adulta e isto, traz mais confiança aos pequenos para superar os limites de forma positiva.

Uma relação afetiva pode influenciar o aluno a adquirir os saberes necessários e ter sucesso na sua vida escolar. Quando for possível haver afetividade na relação professor/aluno, ambos conseguirão fazer da escola um lugar de apoio, expressando nela seus sentimentos e preocupações e isto ajudará na sua adaptação ao ambiente escolar, conseguindo lidar com situações diversas sem, contudo, somatizar traumas ou conflitos prejudiciais ao seu desenvolvimento.

Os dados obtidos pela presente pesquisa mostraram que, para este, não pode ser de afeto materno, mas, de amizade, respeito e cumplicidade, para isso é preciso que exista comunicação e diálogo entre professor/aluno. Quanto mais houver comunicação, melhor será a relação, mas também, inserindo limites ao saber corrigir uma falha, no momento certo e de forma certa. As intervenções feitas pelo professor

durante as atividades pedagógicas precisam ser envoltas de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, e valorização do outro, de forma que favoreça a autonomia, fortalecendo a confiança e sua capacidade de decisões.

Apreender que, por mais conceitos que existam sobre afetividade, a demonstração de carinho, afeto e respeito pelo outro envolve não só o contato físico, mas também o diálogo, pois conforme a criança vai crescendo, o afeto físico não é mais tão importante e sim o diálogo, que é proporcionado pelo professor no processo de ensino e de aprendizagem em um ambiente de socialização, conhecimento e tranquilidade para prática pedagógica, deixando de lado os conflitos entre professor/aluno.

Dessa forma evidencia a importância trazida pela discussão, orientação e a fundamentação teórica apresentada anteriormente nas sessões de embasamento que se mostraram imprescindíveis à minha compreensão sobre a afetividade na relação professor/aluno em processo de ensino aprendizagem na Educação Infantil e primeiro Ano do Ensino Fundamental, como ferramenta para a prática pedagógica, na obtenção da autonomia do aluno e assim permitindo se desenvolver por completo.

Visto que, nas análises dos dados que foram registradas na entrevista com a professora do Ensino Fundamental, pude perceber que ela propõe atividades interativas com os alunos em sala de aula. Além da sala de aula as crianças também têm acesso a interação através das leituras na biblioteca e nas aulas de informática, todos estes momentos sendo acompanhados pela professora. Isto, só tem a contribuir no desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Acredito que seria interessante que todos os educadores se desempenhassem para um mesmo propósito na educação, proporcionando um entendimento maior do campo de atuação, sendo que o planejamento do professor deve ter conhecimento sobre como intervir, que estratégias serão utilizadas em sala de aula, e método que diminuam a distância do aluno com os conteúdos a ser desenvolvido em sala, e ao mesmo tempo, a proximidade com o professor.

Conjecturando que o processo de aprendizagem sofre influência tanto negativa quanto positiva de vários fatores, intelectual, corporal, social, no entanto é o fator emocional que está sujeito em grande parte na base Educacional no qual a pesquisa se focou. Neste sentido concluo esta etapa de pesquisa destacando que foi de gran-

de importância, me proporcionou uma relação estreita com a realidade da área da educação e contribuiu para o meu conhecimento e enriquecimento pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas, **Dicionário da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Leixikon Editora Digital, 2008.

ANGOTTI, Maristela. In: **Pedagogia (s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro**. Porto alegre: Artmed, 2007.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. (Trad. Dora Flaksman) 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BRASIL. Constituição: **República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional**: Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Senado Federal, 2007.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação fundamental, Brasília: MEC, 1998. Vol.3.
CAMPOS Souza de Martins Dinah. **Psicologia da Aprendizagem**. 39. Ed. Petrópolis, vozes, 2011.

COLL Salvador, César (organizador); tradução Cristina Maria de Oliveira. **Psicologia da educação**. - Porto Alegre: Artmed, 1999.

CURY, Augusto. **O semeador de ideias**. São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2010.

DAVIS, Claudia e OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na Educação**. São Paulo. Cortez, 1995.

DICIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA ON LINE. **Priberam**, Disponível em <<http://www.priberam.pt/DLPO/reflexiva>>. Acesso em: 01 mar. 2016.

FERREIRA, Aurélio de Buarque Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar**: minidicionário da língua Portuguesa: [et al.]. 4. Ed.rev.ampliada. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. Ed.- Curitiba: Positivo2004.

FERREIRO, Emília. **Reflexão Sobre Alfabetização**. 25 ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e terra, 2005.

_____. **Histórico-cultural/Avida Afetiva da Criança**. Maceió: EDUFAL. 2008. Disponível em:<<http://www.google.com.br/Biblioteca>>. Acesso em: 21 out. 2014, 18; 30. FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**; Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em, 2 de dezembro de 1970: tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5 ed. São Paulo, Brasil: Edições Loyola1996.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Michel Foucault; tradução Salma Tannus Muchail. 8ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A arqueologia do saber**; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ; Vozes, 1995.

GRADINO Junqueira, Patrícia. In: **Henri Wallon**. Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Ed. Massangana, 2010.

GRATIOT Alfandéry, Hélène. In: **Henri Wallon**. Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Ed. Massangana, 2010.

JAPIASSÚ, Hilton, MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. 1996.

KEPLE, Selene Ribeiro. **Acriança de 6e7anos na primeira série**. Rio de Janeiro, CBPE.1974.

KISHIMOTO Morchida Tizuko; Pinazza Appezzato Monica. In: **Pedagogia (s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro**. Porto alegre: Artmed, 2007.

KRAMER Sonia, Leite Isabel Maria. **Infância e educação infantil**. 11. ed. - Campinas, SP: Papirus Editora, 2011.

MARQUES, Lazarini Ilza. **SEQUÊNCIA DE PIERRE ROBIN: DIAGNÓSTICO E ABORDAGENS TERAPÊUTICAS**. Curso de Anomalias Congênitas Labiopalatinas. HRAC-USP. Vol.44º Anais, Junho 2011. Bauru. Disponível em: <<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/>>. Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual-BDPI, Universidade de São Paulo>. Acesso em 26 ago.2016.

MEIRIEU, Philippe. **O cotidiano da escola e da sala de aula: O fazer e o compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MUNARI, Alberto. **JEAN PIAGET**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010.

OLIVEIRA-Formosinho, Júlia. **Pedagogia (s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro**. Tizuko Morchida kishimoto, Monica Appezzato Pinazza, organizadoras. Porto alegre: Artmed, 2007.

PIAGET, Jean; **Piaget ao alcance dos professores**; tradução/da/prof. Ingeborg Strake. Rio de Janeiro, ao livro Técnico, 1975.

_____. **Seis Estudos de Psicologia**: tradução Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima Silva. 24. ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária,1999.

QUINTEIRO, Jucirema. **Sobre a emergência de uma Sociologia da Infância: Perspectiva**. Florianópolis, v.20, n. Especial, p. 137-162, jul. dez.2002.

RÖHRS, Hermann. **Maria Montessori**. Tradução: Danilo Di Manno de Almeida, Maria Leila Alves.–Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010.

RUBINSTEIN, Edith Regina. **O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer**. Casa do Psicólogo, 2003.

SABINI-Cória, Aparecida Maria; **Psicologia do desenvolvimento**. Editora Ática S.A, 1993.

SILVA Ana, Rita. **A emoção na Sala de Aula**. Campinas: papiros, 1999.

_____. Histórico-cultural/Avida Afetiva da Criança. Maceió: EDUFAL. 2008. Disponível em: <<http://www.google.com.br/Biblioteca>> Acesso em: 21 out. 2014.

TASSONI Martins Cristina Elvira. Dimensões afetivas na relação professor-aluno. IN Sergio Antônio da Silva leite (Org.). **Afetividade e práticas pedagógicas**. 1º. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.p.47-74.

VEIGA Neto, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 2 ed. - Belo Horizonte: Autentica, 2007.

WALLON Henri. **A evolução psicológica da Criança**. Tradução de Ana Maria Bessa. Ed.70.1968.

_____. **Fundamentos metafísicos ou fundamentos dialéticos da personalidade**, IN: Objetivos e métodos da psicologia. Lisboa: Editorial Estampa 1975.

_____. **Sua teoria e a relação da mesma com a prática**. 1. ed. v. 10. Agosto de 2012.

WESTBROOK, Robert B; Anísio Teixeira, José. **JOHN DEWEY**. Tradução e organização: Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data do Roteiro de Entrevista Aberta: ____/____/____ **Horário:** ____:____

Responsvel. _____

Endereço. _____

_____. **Nº.** _____. **Bairro** _____

1-Qual sua área de formação na educação? E quanto tempo você trabalha na educação?

2-Você acha necessário que na relação professor e aluno trabalhe afetividade em sala de aula?

3-Na sua concepção ausência da afetividade na relação Professor e aluno interferem na aprendizagem. Como?

4-Na sua concepção, quando a criança em sala de aulas é tratada com afetividade ela pode desenvolver a aprendizagem? E de que maneira pode ser trabalhado essa criança?

5-De sua opinião Como os professores da educação infantil, definem a afetividade e o seu papel na relação professor e aluno?

6-Qual o sentido da afetividade para o professor da educação infantil na relação de ensino e aprendizagem?

7-Qual foi a maior dificuldade que você enfrentou trabalhando com alunos da educação infantil?

8-Em sua opinião é possível trabalhar afetividade durante o processo ensino e aprendizagem em sala na educação infantil?

9-Em seu ponto de vista, quais são as responsabilidades dos professores para com aluno em processo de ensino e aprendizagem?

10- Defina com seria afetividade na relação professor/aluno em processo de ensino e aprendizagem?